



XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB)
ISSN 2177-3688

GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação
Comunicação Oral

REFERÊNCIAS CRUZADAS 2: MARX E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO¹²

CROSSED REFERENCES 2: MARX AND INFORMATION SCIENCE

Marco Schneider, IBICT - UFF
art68schneider@gmail.com

Resumo: Este trabalho resulta de uma pesquisa maior, que tem como um de seus objetivos produzir uma bibliografia autorizada sobre ética, política, epistemologia, informação e suas interfaces, bem como estudos críticos desta bibliografia. Sua questão de fundo é como a informação foi pensada pelos filósofos de referência nessas áreas e como estes pensamentos são apropriados pela Ciência da Informação. Metodologicamente, é uma pesquisa bibliográfica e documental comparada. Cruza referências teóricas significativas da filosofia, mais especificamente da filosofia moral, da filosofia política e da filosofia da ciência, e da Ciência da Informação, sobre ética, política e epistemologia, e analisa os cruzamentos. Neste artigo, buscou-se identificar e discutir a presença de Marx, Gramsci e Lukács nos anais dos GTs 1, 2 e 5 do Enancib, bem como em alguns dos principais periódicos brasileiros em Ciência da Informação, *Transinformação*, *Perspectivas em Ciência da Informação*, *Informação e Sociedade* e *Ciência da Informação*, as três primeiras Qualis A1, a quarta Qualis A2. Marx, por ser referência universalmente reconhecida na própria fundação das ciências sociais; Gramsci e Lukács, por estarem entre os mais influentes representantes da tradição teórica inaugurada por Marx, seja em filosofia política, seja em epistemologia. Acrescentamos que a obra dos três é atravessada por reflexões de natureza ética, embora isso não seja óbvio. Verificou-se que os autores elencados são praticamente ou integralmente ignorados entre nós. Exploramos a hipótese de que isto se deve a certa tradição tecnicista e tecnocrática da Ciência da Informação, de matriz positivista e neoliberal. No campo crítico, por outro lado, lemos bem Bourdieu, Foucault, Deleuze e Frohman (Schneider e Vieira, 2014), autores identificados com o estruturalismo e o pós-estruturalismo, escolas que nasceram, por assim dizer, precisamente de um diálogo crítico com o pensamento marxiano.

Palavras-chave: Ciência da informação. Ética. Política. Epistemologia. Karl Marx.

Abstract: This paper is the product of a larger research that has as one of its objectives to produce an authorized bibliography on ethics, politics, epistemology and information, and critical studies of this bibliography. Its main issue is how information was thought by reference philosophers in these areas,

¹ O conteúdo textual deste artigo, os nomes e e-mails foram extraídos dos metadados informados e são de total responsabilidade dos autores do trabalho.

² O número “2” no título deste artigo indica continuidade com o trabalho de mesmo título, mudando somente o subtítulo, que apresentamos no Enancib do ano anterior, e publicamos nos respectivos anais. A pesquisa contou com recursos do CNPq, por meio da chamada 43/2013.

and how their thought were appropriated by Information Science. Methodologically, it is a bibliographical and documental compared research. It crosses significant theoretical references of philosophy, specifically of moral philosophy, political philosophy and philosophy of science, and of information science, on ethics, politics and epistemology, and analyzes the intersections. In this article, we sought to identify and discuss the presence of Marx, Gramsci and Lukacs in the annals of Work groups 1, 2 and 5 of ENANCIB, as well as in some of the main Brazilian journals in Information Science, *Transinformação*, *Perspectivas em Ciência da Informação*, *Informação e Sociedade* and *Ciência da Informação*, the later Qualis A2, the formers Qualis A1. Marx, because he is an universally recognized reference in the very foundation of the social sciences, the other two being among the most influential representatives of the theoretical tradition inaugurated by Marx, either in political philosophy, whether in epistemology. We add that the work of all of them is crossed by reflections on ethics, although this is not obvious. We discovered that the three listed authors are nearly, or completely ignored among us. We explore the hypothesis that this is due to a certain technicistic and technocratic tradition of information science, of positivist and neoliberal matrix. Among its critical references, on the other hand, we read well Bourdieu, Foucault, Deleuze and Frohman (Schneider e Vieira, 2014), authors identified with structuralism and post-structuralism, schools that were born, so to speak, precisely in a critical dialogue with the Marxian thought.

Keywords: Information science. Ethics. Politics. Epistemology. Karl Marx.

1 INTRODUÇÃO

Todas as ciências refletem, com frequência maior ou menor, sobre sua própria cientificidade. Refletem sobre o que faz delas ciências e sobre o que faz delas ciências particulares. Tais reflexões envolvem debates em torno de paradigmas, campos epistêmicos ou disciplinares, autores, teorias, métodos, objetos, possibilidades e limites de diálogo com outras ciências, e mesmo sobre as próprias noções de ciência, método e racionalidade. Envolvem ainda a disputa em torno da legitimação e circulação das referências legitimadas e legitimadoras, que estabelecem os parâmetros definidores dos demais parâmetros, num dado momento e num dado espaço da história da ciência em questão, por um tempo determinado.

Esse tipo de reflexão epistemológica é indispensável para o autoconhecimento e amadurecimento de cada ciência.

Todas as ciências refletem também, em maior ou menor grau, sobre as dimensões ética e política de suas teorias e práticas. São reflexões mais ou menos coordenadas, que dizem respeito à relação entre conhecimento científico, trabalho científico (ensino, pesquisa, aplicação, comunicação, divulgação, gestão, financiamento), sociedade e, hoje mais do que nunca, natureza.

A interação dialética, ou mútua determinação, entre o elemento ético, o político e o epistemológico das ciências costuma receber menos atenção reflexiva do que cada um dos

elementos particulares.³ No nosso entender, tal desatenção constitui um problema, pois embora a reflexão sobre cada elemento deva resguardar sua autonomia relativa, deveria igualmente não perder de vista precisamente o caráter relativo desta autonomia.

A Ciência da Informação não é exceção no que diz respeito a nenhum dos tópicos apresentados. Pelo contrário: ao menos quanto à autoanálise, ela tende a voltar-se bastante sobre si mesma. O faz, porém, com um viés mais descritivo do que crítico, até onde pudemos investigar. Por isso, se estivermos corretos, a Ciência da Informação é de certo modo exemplar, no sentido de carecer de mais investimento em uma epistemologia comprometida com uma crítica sócio histórica de si, voltada ao diálogo entre o debate histórico-epistemológico e o ético-político, tanto em suas autoanálises quanto na formulação de seus objetos e objetivos de pesquisa.

A análise que segue tem por base, além de estudo teórico de fôlego (ver SCHNEIDER, Marco, 2013b e 2015, e SCHNEIDER, Marco; VIEIRA, Maria Clara, 2014), um levantamento minucioso dos autores mais referenciados nos anais dos GTs 1 e 5 – que tratam, respectivamente (e mais detidamente que os demais GTs) da epistemologia e da dimensão política do campo –, em todas as edições do Enancib. Este levantamento é complementado por um outro, ainda introdutório, do Gt 2, voltado, por assim dizer, para o “núcleo duro” da CI, e de mais alguns periódicos nacionais de referência no campo.

Com base na hipótese de que o corpus de nossa análise é representativo, há certamente exceções à tendência ao caráter mais propriamente descritivo do que crítico das autoanálises do campo. O simples fato de autores como Gonzáles de Gómez, Pinheiro, Bourdieu, Foucault, Deleuze, Habermas, Frohman e Capurro (SCHNEIDER, Marco; VIEIRA, Maria Clara, 2014) serem bastante referenciados no corpus de nossa análise revela o cuidado do campo no sentido de articular reflexões de natureza epistemológica com aquelas de cunho ético-político, numa perspectiva não instrumental, mas crítica.

Por outro lado, tomando por base este mesmo corpus, a Ciência da Informação praticamente ignora Marx e Gramsci, e ignora totalmente Lukács. Com isso, deixa de fora do seu campo de visão um vasto continente de reflexões, independentes ou articuladas, sobre ética, política e epistemologia, que, no nosso entender, poderiam em muito contribuir para o amadurecimento do campo em um sentido menos instrumental. Este amadurecimento é cada vez mais necessário diante da crise ética, política e epistemológica que marca a época.

Iremos na sequência demonstrar e problematizar essa lacuna.

³ Exceção a essa tendência, no âmbito da Ciência da Informação, é a obra de Maria Nélide González de Gomez.

2 METODOLOGIA, HIPÓTESES E JUSTIFICATIVA

Os GTs 1, 2, 5 e 6 foram escolhidos em função da aderência de suas ementas com a questão de fundo da pesquisa. Acreditamos, contudo, que a análise dos demais GTs pode gerar informação relevante.

Como antecipado no “resumo”, este artigo resulta de pesquisa maior, para a qual já foram listadas em ordem alfabética todas as referências bibliográficas de todos os artigos publicados nos Anais dos GTs 1, 2 e 5 do Enancib, em todas as suas edições. Também foram contabilizados e listados em ordem numérica decrescente os dez textos mais referenciados em cada um desses GTs.

A tabulação e análise inicial das referências do Gt 6 está em curso. As demais serão efetuadas na sequência.

Uma análise dos GTs 1 e 5, até o ano de 2013, foi apresentada na forma de comunicação oral, em sessão do Gt 1, na edição de 2014 do Enancib. Também foi publicada nos respectivos anais (SCHNEIDER, Marco; VIEIRA, Maria Clara, 2014).

As referências têm sido pesquisadas também em estudos bibliográficos exploratórios em filosofia e em entrevistas com pesquisadores brasileiros da área, em geral membros atuantes da Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia (Anpof), ou por eles indicados.

Já foram realizadas mais de dez entrevistas com filósofos e três expoentes da Ciência da Informação (Lena Vania Ribeiro Pinheiro, Maria Nélide Gonzáles de Gómez e Rafael Capurro) sobre o tema de fundo.

Metodologicamente, a seleção do *corpus* da análise que serve de base para a pesquisa maior, mas mais especificamente para o presente artigo (que desconsidera as entrevistas com os filósofos e expoentes da Ciência da Informação, realizadas ou por realizar), justifica-se com base em duas hipóteses, a primeira de teor sócio epistemológico, a segunda de teor técnico ou operacional: 1) o conjunto dos Anais de todas as edições do Enancib é significativamente representativo da produção científica brasileira em Ciência da Informação; 2) sua boa organização e acessibilidade viabiliza a operacionalização da pesquisa, de um modo que o estudo de outras fontes ao menos tão representativas do campo quanto esses Anais não o faz – periódicos, livros, bibliografias de disciplinas ministradas em programas de

pós-graduação em Ciência da Informação –, devido a seu caráter fragmentário, conforme pudemos constatar no início da primeira etapa da pesquisa.⁴

2.1 ANAIS DO ENANCIB

No campo da Ciência da Informação, até onde pudemos investigar, a presença de Marx, Gramsci e Lukács é inócua, ao menos no Brasil. Fazemos essa afirmação, como visto, com base em levantamentos sistemáticos de todos os autores referenciados nos GTs 1, 2 e 5 do Enancib, em todas as suas edições, e em levantamentos menos sistemáticos de alguns dos mais importantes periódicos do Brasil em CI.

A opção pelos GTs elencados deve-se ao fato do primeiro tratar da autorreflexão epistemológica sobre o campo da CI, espaço onde autores de referências das ciências sociais são obrigatoriamente discutidos.

Ora, embora Marx não tenha sido propriamente um epistemólogo, é universalmente reconhecido como um dos “pais fundadores”, umas das referências principais das ciências sociais, com Weber e Durkheim, e legou a essas ciências reflexões fundamentais sobre ciência e método científico, posteriormente sistematizadas por estudiosos de sua obra, entre os quais destacamos Gramsci e Lukács. Bem, no GT 1, esses autores aparecem de modo insignificante: dentre cerca de três mil referências (os mais referenciados, o são dezenas de vezes), Marx aparece quatro vezes, uma como autor, duas em título de Konder e uma em título de Löwy; Gramsci é citado somente uma vez, como autor. Lukács, nenhuma vez.⁵

O GT 2 foi estudado por entendermos que se trata, por assim dizer, do “núcleo duro” da CI. Aí, Marx é referenciado, enquanto autor, somente uma vez (em meio a cerca de dez mil referências); seu nome aparece em outras cinco ocasiões, na composição do termo “marxismo”, em conhecido título de Bakhtin. Gramsci e Lukács são solenemente ignorados, embora a questão da relação entre os intelectuais e a organização da cultura, produção de referência de Gramsci, pudesse trazer acréscimos profícuos para a reflexão em torno da dimensão ético-política da organização do conhecimento, entre outros textos fundamentais dos autores ignorados.

O GT 5, por tratar mais diretamente de questões relacionadas à economia política da informação, era o GT no qual esperávamos encontrar mais referências a Marx e a autores

⁴ É importante destacar que o levantamento, a tabulação e a análise dos dados têm sido realizados com o auxílio de bolsistas de iniciação científica (PIBIC). O prosseguimento das pesquisas pretende continuar contando com esse auxílio, a nosso ver tão importante para todas as partes envolvidas. Fica aqui registrado nosso reconhecimento ao ótimo trabalho de Maria Clara Vieira e Marcela Rochetti.

⁵ Sobre os autores mais citados nos Gts 1 e 5, até 2013, ver Schneider, Marco; e Vieira, Maria Clara, 2014)

marxistas, pelo simples fato de que a imagem mais difundida de Marx o associa, para o bem e para o mal, com a política e com a economia. E, de fato, aqui Marx é referenciado treze vezes, sete como autor, seis em títulos de outros autores. Porém, é importante frisar que o autor mais referenciado neste Gt (González de Gómez), o é quarenta e nove vezes, e o “número dez” (Pierre Lévy), dezesseis vezes. Gramsci é referenciado uma vez, na condição de autor. Lukács, nenhuma vez.⁶

Lukács inexistente nos GTs 1, 2 e 5. Gramsci é referenciado duas vezes, como autor, no um e no cinco. Marx, por fim, é referenciado quatro vezes no Gt1 (uma como autor, três em títulos), seis no Gt2 (uma como autor, cinco compondo o termo “marxismo” em conhecido título de Bakhtin) e treze no Gt5 (sete como autor, seis em títulos).

Cabe aqui registrar que, embora seja uma afirmação passível de discussão, a Lukács já foi atribuída a alcunha de “Galileu do século XX” (Antunes, Ricardo; Domingues Leão Rêgo, Walquíria, 1996). Gramsci é o mais influente teórico da cultura na tradição marxista e um dos mais importantes filósofos políticos do século. Quanto à Marx, é um dos pensadores mais influentes de todos os tempos. No entanto, mesmo em nosso Gt de economia política, é menos referenciado que Pierre Lévy. Poder-se-ia argumentar que isso se deve ao fato de tratar de objetos distantes dos usualmente investigados pela Ciência da Informação. Pretendemos adiante demonstrar o caráter equívoco dessa hipótese.

2.2 PERIÓDICOS

Buscando pelos descritores Marx, Gramsci e Lukács no sistema interno de busca de alguns dos principais periódicos eletrônicos nacionais em CI, na opção “texto completo”, encontramos os seguintes resultados

Na *Transinformação*, encontramos um artigo a partir do descritor *marx*, de um conhecido autor do campo comunicacional, uma das principais referências brasileiras em economia política da informação, da comunicação e da cultura.

Com o descritor *Gramsci*, achamos também um só artigo.

O descritor *Lukács* não gerou nenhum resultado.

Em *Perspectivas em Ciência da Informação*, Marx, Gramsci, Lukács: 0

Em *Informação e Sociedade*, Marx: 1; Gramsci e Lukács: 0

⁶ Como dito acima, pretendíamos ainda investigar, na sequência, o Gt 6, o qual, por tratar de questões mais voltadas ao trabalho, categoria central no universo marxiano, poderia produzir números diferentes. Infelizmente, não houve tempo hábil para estudá-lo e apresentar os resultados do estudo na presente edição do Enancib. Pretendemos fazê-lo no futuro, bem como estender o estudo ao conjunto dos demais Gts.

Na *Ciência da Informação*, Marx aparece 5 vezes, Gramsci, três, e Lukács, enfim, uma. A título de comparação, foi efetuada outra busca neste mesmo periódico, do mesmo tipo, e Bourdieu aparece dezoito vezes; Foucault, doze vezes; Habermas e Latour, oito, somente para mencionar autores não propriamente oriundos da Ciência da Informação, entre aqueles que podem ser associados a uma perspectiva mais crítica da problemática informacional como um todo.

3 ÉTICA, POLÍTICA E EPISTEMOLOGIA: CRUZAMENTOS

O caráter ético da epistemologia remete, em primeiro lugar, ao debate em torno da neutralidade axiológica da ciência, que se origina da velha discussão filosófica em torno da relação entre fato e valor. A filosofia moral pergunta-se há séculos se se pode ou não derivar valores de fatos. A resposta negativa parte da assunção de uma lacuna racionalmente insuplantável entre a objetividade dos fatos, daquilo que é, e a subjetividade dos valores, ou entre o caráter transcendental dos valores e o elemento contingente da percepção dos fatos e de nossa capacidade de planejar adequadamente as consequências de nossas ações em termos éticos; em ambos os casos, seria impossível ou, no mínimo, incerto, derivar o que deve ser do que é, aporia que não poderia ser sanada por nenhuma lógica: por esta via, não se poderia derivar o dever ser do ser. As respostas positivas, ao contrário, como em Hegel e Marx, tendem a dialetizar a relação.⁷

Num nível menos abstrato de análise, o debate diz respeito tanto às formas e aos resultados da observação “científica” do real quanto às reverberações dessa observação sobre este mesmo real, que vai do momento da pesquisa à aplicação de seus resultados. Por exemplo, quais são os benefícios e malefícios que a ciência pode gerar, da cura de doenças ao desastre ambiental, do maltrato de animais em pesquisas à justificação da desigualdade social, com base em argumentos “científicos”, quanto à natureza humana ou quanto ao suposto poder auto regulador dos mercados, versão requentada do liberalismo do século XVIII – que tinha em sua defesa moral a novidade da ideia (Adam Smith escreveu tratados morais) – pelo mais cínico dos pensamentos pseudocientíficos em política e economia do século XXI, conhecido como neoliberalismo? O último exemplo, por sinal, nos remete à relação entre epistemologia e política, que vai dos critérios de financiamento da pesquisa científica à aplicação social dos seus resultados, do regime de propriedade intelectual à democratização das mídias, da

⁷ Para uma introdução ao debate, ver Sanchez Vásquez, 2004; para um maior aprofundamento, ver Rawls, 2005, especialmente os estudos sobre Hume e sua “guilhotina”, sobre Kant e sobre Hegel.

educação bancária convencional aos dilemas da competência crítica em informação em mídias interativas, do saneamento público à guerra etc. Neste sentido, pode-se dizer que política é ética (bem ou mal) aplicada em larga escala.

A respeito do caráter científico ou, mais propriamente, epistemológico da ética e da política, ele remete ao debate em torno da racionalidade dos postulados éticos e políticos, e da cientificidade de sua crítica. Em que consistiriam, uma e outra?

Quanto à racionalidade dos postulados, há que se levar em conta que uma norma de conduta ou um projeto de governo, para ficarmos nos temas mais típicos da ética e da política, têm que ser, em primeiro lugar, factíveis: não se pode exigir seriamente o impossível, a não ser no sentido polêmico de se questionar uma posição oposta à nossa, quanto ao que, efetivamente, é ou não possível, fato bem ilustrado pela famosa pichação de maio de 1968, de Paris: “*Soyons réalistes, demandons l'impossible*”. Neste sentido, “racional” é o mesmo que “realista”, em oposição a “fantasioso”.

Em segundo lugar, qualquer postulado deve ser justificável, deve fazer sentido: é racional, posto que os benefícios de sua ativação, assim como sua razão de ser, podem ser demonstrados argumentativamente.

Em terceiro lugar, o postulado deve remeter a algo de algum modo desejável, dado que algo que não é de modo algum desejável não pode ser um bem. Neste caso, os postulados devem ser racionais no sentido teleológico, de justificativa (quanto à ética) e de eficácia (quanto à política) de determinada articulação entre meios e fins.

Em quarto lugar, devem ser coerentes: racionais enquanto não contraditórios.

Sobre a crítica científica aos postulados, tem que estar embasada em sólida e, se possível, documentada base empírica; tem que ser sistemática; necessita de lastro na erudição necessária ao debate, que envolve o conhecimento das grandes doutrinas morais e políticas, bem como de suas controvérsias.

4 ÉTICA, POLÍTICA E EPISTEMOLOGIA EM UMA PERSPECTIVA INSPIRADA EM MARX

Se é notório que o pensamento de Marx e seu legado trazem importantes contribuições para o pensamento político e epistemológico em geral, essa contribuição é menos evidente quanto ao estudo da ética. Talvez por isso, o grande jurista brasileiro Fábio Konder Comparato escreveu: “Ao contrário do que pretendeu Marx, o seu pensamento foi [...] uma vigorosa pregação moral [...]. Felizmente, a moda intelectual de seu tempo, de tudo explicar

em termos científicos, não o impediu de pensar o homem em sua especialidade ética.” (COMPARATO, Fábio Konder, 2009, p. 349).”

Sobre essa especialidade ética, outro importante jurista, o italiano Alessandro Baratta (1995), desenvolve uma excelente reflexão sobre a crítica fundamental de Marx ao caráter estruturalmente violento do Estado de Direito burguês e sobre sua teoria, inspirada em Hegel, do caráter sócio histórico da carência humana.

Terry Eagleton (2011), enfim, chega ao ponto de afirmar:

Marx was a profoundly moral thinker. He speaks in The Communist Manifesto of a world in which “the free self-development of each would be the condition of the free self-development of all.” This is an ideal to guide us, not a condition we could ever entirely achieve. But its language is nonetheless significant. As a good Romantic humanist, Marx believed in the uniqueness of the individual. The idea permeates his writings from end to end. He had a passion for the sensuously specific and a marked aversion to abstract ideas, however occasionally necessary he thought they might be. His so-called materialism is at root about the human body. Again and again, he speaks of the just society as one in which men and women will be able to realize their distinctive powers and capacities in their own distinctive ways.

Para além da vinculação entre a dimensão ética e a política no pensamento marxiano, cabe ainda acrescentar um elo menos aparente, mas igualmente constitutivo deste pensamento, a saber, entre sua perspectiva ético política e sua epistemologia. Este elo está sintetizado na famosa 11^a Tese sobre Feuerbach: “os filósofos até agora limitaram-se a interpretar o mundo; cumpre transformá-lo.”

Transformá-lo por quê? Em que sentido?

Vejam.

A partir de uma epistemologia marxiana, a ciência deve ser entendida como um permanente processo de desvelamento emancipatório das contradições opressivas do real histórico e do real lógico. Essa concepção não é fruto de um imperativo ético abstrato. Ao contrário, o imperativo ético concreto de tal perspectiva é *logicamente* inferido da análise histórica e antropológica que fundamenta esse ponto de vista. Pois o homem só se faz plenamente humano sendo o sujeito consciente do seu próprio destino, de sua vida. Para viver, precisa trabalhar, isto é, produzir e reproduzir, a partir de situações concretas, necessidades e projetos, suas condições – materiais e espirituais – de existência. O homem se faz humano, portanto, sendo sujeito consciente do seu trabalho. (SCHNEIDER, Marco, 2013a e 2015)

Com a complexificação da divisão do trabalho, que acarreta o desenvolvimento das necessidades para além daquelas estritamente naturais, a satisfação das necessidades de cada

um depende cada vez mais do trabalho dos outros. A partir de um dado estágio, a impossibilidade de alguém suprir o conjunto de suas próprias necessidades individuais, sozinho, com o próprio trabalho, torna-se absoluta: a satisfação das necessidades de cada um depende, como sempre, mas cada vez mais, de trabalho social. Portanto, como o homem só pode viver em sociedade, o conjunto dos homens só se faz plenamente humano quando todos os homens se tornam sujeitos conscientes do trabalho social, isto é, o planejam, executam e desfrutam conforme suas próprias decisões, conscientes e comuns.

Por essas razões, negar a um único indivíduo que seja a possibilidade de exercer sua humanidade enquanto sujeito consciente, em colaboração com outros sujeitos conscientes, negar-lhe o poder de participar conscientemente da definição da forma e dos objetivos desse trabalho social, bem como do consumo de seus frutos, é negar-lhe a humanidade de que é potencialmente possuidor, transformando-o de sujeito em objeto de um mecanismo *estranho* e *opressor*, que atende atualmente pelo eufemismo “mercado”.

É por isso que Marx afirmou que a humanidade ainda vive na pré-história. E é por isso também que a décima primeira tese sobre Feuerbach – “Os filósofos têm apenas *interpretado* o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é *transformá-lo*” – não é uma negação da filosofia, mas um apelo à implementação de suas grandes conquistas. Uma das maiores delas, sem dúvida, no plano moral, é o imperativo categórico kantiano que interdita a conversão do sujeito em objeto (Kant, 2009). A necessidade de realizar o imperativo, isto é, de atualizá-lo, materializá-lo, objetivá-lo, institucionalizá-lo (uma vida ética institucionalizada é o sentido último da noção de *sittlichkeit*, de Hegel [1997]),⁸ é o que se pode inferir da passagem na qual Marx tece o elogio ao radicalismo da “teoria alemã”, por esta concluir a crítica da religião “com a doutrina de que o homem é o ser supremo para o próprio homem”, conduzindo ao “*imperativo categórico de derrubar todas as condições* em que o homem surge como um ser humilhado, escravizado, abandonado, desprezível”. (MARX, Karl, 2005, p. 151)

Longe de constituir uma negação da filosofia, portanto, a “tese” afirma que a ação transformadora é uma consequência lógica necessária de suas maiores conquistas, seja no terreno ético-político, seja no da análise da história das sociedades, cujas formulações modernas atendem pelo nome de ciências sociais, das quais deriva boa parte da Ciência da Informação. Trata-se então de uma epistemologia não contemplativa, que entende a “verdade” e a “moralidade” não somente como frutos da observação e da reflexão rigorosas, mas

⁸ Ver também Rawls, 2005.

igualmente da ação. Essa ideia, por sua vez, encontra-se sintetizada no conceito marxiano de *praxis* (ver SAMPAIO e FREDERICO, 2009).

Ao desenvolvimento dessa epistemologia, um pensador do porte de Lukács dedicou uma vida longa. Lamentavelmente, sua obra, em especial sua obra da maturidade, publicada há poucos anos no Brasil (*Ontologia do ser Social*), é completamente ignorada entre nós, assim como a de um dos seus principais alunos, Isztván Mészáros, que também dedicou centenas de páginas ao tema. Gramsci é quase ignorado. Marx, em relação a sua estatura, talvez seja o mais ignorado de todos, mesmo sendo o mais referenciado.

Mas, enfim, que contribuições essa linha de pensamento e seu corolário teórico poderia trazer ao debate ético, político e epistemológico interno da Ciência da Informação?

Tendo por base principalmente uma lacuna, um vazio, podemos preenchê-lo, no momento, somente com hipóteses de trabalho sobre o tipo de problemas que o pensamento marxiano poderia apresentar ao pensamento ético, político e epistemológico em Ciência da Informação.

Como a organização do conhecimento e a gestão da informação têm enfrentado o problema da relação entre informação, alienação e exploração? Como os estudos cientométricos têm refletido sobre a promiscuidade entre a pesquisa científica e o complexo industrial-militar anglo-saxão (SCHNEIDER, Marco, 2013a e 2015)? Como as teorias cognitivas têm discutido as novas formas de se transformar sujeitos potencialmente sofisticados intelectualmente em objetos repetidores de tarefas voltadas à mera manipulação funcional e heterônoma de dados, a despeito do dilúvio informacional de nossa época? Como os utopistas da sociedade da informação têm enfrentado a miséria material crescente convivendo com a abundância de recursos e tecnologias informacionais de ponta, para não mencionar a espionagem onipresente? E o recrudescimento dos preconceitos e fanatismos mais toscos e brutais? E o cinismo espetacular, leviano, escandaloso das elites globais e de suas mídias, cujo coadjuvante é o humanismo desorientado, fragmentado e impotente do que resta das esquerdas, para além de arroubos juvenis?

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por que Marx e seu legado teórico são praticamente ignorados na CI?

O nascimento da Ciência da Informação norte-americana no contexto da Guerra Fria e seu caráter predominantemente positivista (Araújo, Carlos Alberto Ávila, 2003) e instrumental, que tanto influenciaram a CI brasileira, podem explicar em parte essa lacuna.

Para Saldanha (2010; 2012), a Ciência da Informação, em suas linhas dominantes, seria mesmo uma apropriação ou atualização um tanto espúria, por epistemologicamente inconsistente e tecnocraticamente interessada, de velhas práticas relacionadas à organização dos saberes, a partir do pós-guerra.

Isso nos remete mesmo à questão da legitimidade ético-política e epistemológica de toda e qualquer organização dos saberes (seleção, preservação, classificação, representação, hierarquização, disponibilização, destruição...): terá jamais sido epistemologicamente, eticamente ou politicamente neutra, desinteressada? Se não, como acreditamos, não se trata antes de tudo de tomar partido? Não numa busca sem fim rumo a uma depuração idealista do passado, mas voltada para o presente e para o futuro, numa *praxis* ético-político-epistemológica moralmente intolerante com a transformação das pessoas em coisas, politicamente comprometida com a superação desse quadro e epistemologicamente rigorosa e realista em suas análises, na medida do possível, *sin perder la ternura jamás*.

Numa perspectiva marxiana, enfim, é necessário resgatar a ética, assim como a política e a epistemologia, das teias do discurso conservador. A primeira não pode ser reduzida a caridade ou “responsabilidade social”; a segunda, a obediência aos mercados; a terceira, a uma neutralidade axiológica *naïf*, no fundo igualmente subserviente aos mercados, supostos reguladores eficientes da homeostase social, na realidade fonte maior de entropia sociometabólica (Mészáros, Isztván, 2002) na atualidade; tampouco a um relativismo qualquer, em termos éticos, políticos e epistemológicos.

O relativismo, se tem o mérito de apontar os perigos e aporias dos discursos éticos, políticos e epistemológicos de teor mais universalista, corre o risco de fazer degenerar a abertura ao diálogo e a tolerância para com o outro num descritério desarmante.

A ética tem que reconstruir seu compromisso original com a boa vida, com a felicidade, em termos universais; sendo a felicidade de todos preferível à de poucos, como já advogava Aristóteles na *Ética a Nicômaco*, trata-se de um compromisso igualmente político.

Ora, embora o “todos” de Aristóteles fosse um universal excessivamente particular, ele mesmo previu que, se existissem robôs, não seriam necessários escravos (Capurro, Rafael, 2015). Como hoje existem robôs, porém, podemos pensar em “todos” num sentido virtualmente censitário!

Porém, por que, mesmo existindo robôs, não se vive de ócio criativo, mas na miséria ou no subemprego? Não é um problema da tecnologia em si, mas das relações de produção e propriedade. E que outra matriz teórica nos ajuda a entender isto melhor? A explicar os

logaritmos do Google como trabalho (intelectual) morto, trabalho (intelectual) vivo coagulado?

O maior ou menor grau de racionalidade na definição, na fundamentação, na defesa do que é ou não a boa vida, bem como na análise dos meios mais realistas para produzi-la, constituem a dimensão epistemológica da ética e da política. Um tal compromisso ético-político faz da epistemologia, epistemologia crítica. O papel da ciência nessa empreitada diz respeito a sua dimensão ético-política. (SCHNEIDER, Marco, 2013a, 2013b e 2015)

Isto não significa advogar que a epistemologia deva ser colonizada pela ética, esta pela política e, enfim, cada uma das três por uma ou duas das outras. Trata-se, diferentemente, de estudar sua dialética.

Em sua célebre passagem sobre a “arma da crítica”, Marx (2005) indica aquele que seria a nosso ver o principal problema ético, político e epistemológico da informação, da modernidade aos dias atuais. Encontra-se aí uma reflexão que engloba a informação tanto em sua acepção física quanto cognitiva e social (CAPURRO, Rafael, 2003)

Marx refere-se aí ao poder socialmente transformador da teoria. Esta, por melhor que seja, não basta para transformar a realidade social – de opressora, geradora de tanto sofrimento evitável, no contrário –, a qual só pode ser efetivamente transformada por uma reconfiguração material das relações sociais de produção. A teoria, porém, pode converter-se em força material quando sensibiliza, motiva, convence as massas.⁹

Caberia promover uma reflexão atualizada sobre essa questão, no âmbito da Ciência da Informação, à luz das configurações sócio técnicas contemporâneas da informação, em todas as suas modalidades, na medida em que se constituem simultaneamente como força econômica, político-militar e ideológica. Uma tal reflexão convocaria necessariamente temas caros à Ciência da Informação, da organização dos saberes à comunicação científica, da divulgação científica ao letramento informacional, do estudo das tecnologias de informação ao estudo de suas apropriações e usos, incluindo uma crítica da economia política da divisória digital, da vigilância, da espionagem, do *big data* etc.

Esperamos aqui ter contribuído, ainda que modestamente, para esta empreitada, se não em termos propositivos mais concretos, ao menos compartilhando questões e convidando os colegas para o debate.

⁹ Cabe aqui uma ressalva importante: qualquer teoria poderia reivindicar essa pretensão. Foi, de certo modo, o que fez o nazi-fascismo. É, pois, necessário, em defesa da citação que incorporamos ao nosso discurso, afirmar a centralidade do caráter racional, humanista e universal de sua argumentação, caráter este inofensivamente superior ao do discurso irracionalista, particularista e mistificador do nazi-fascismo, mesmo sem entrarmos nos méritos propriamente éticos do confronto.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo e DOMINGUES LEÃO RÊGO, Walquíria (orgs.). **Lukács. Um Galileu no século XX**. São Paulo: Boitempo, 1996.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. A Ciência da Informação como Ciência Social. In: **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

BARATTA, Alessandro. Ética e pós-modernidade. In: KOSOVSKI, Ester (org.). **Ética na comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad, 1995, p. 113-131.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. In. Encontro nacional de pesquisa em ciência da informação, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003

CAPURRO, Rafael. Living with online robots. Contribution to the Friedrich-Ebert-Foundation and University of Tsukuba Joint Symposium: **Robo-ethics and “mind-body-schema” of human and robot – challenges for a better quality of life**, University of Tsukuba (Japan), Keynote: Robo-Ethics (PP), January 23, 2015. <http://www.capurro.de/onlinerobots.html>. Accessed 30 June 2015.

COMPARATO, Fábio Konder. **Ética**. Direito, moral e religião no mundo moderno. São Paulo: Cia. Das Letras, 2008.

EAGLETON, Terry. *Praise for Marx*. Disponível em: <http://chronicle.com/article/In-Praise-of-Marx/127027>. Acesso em 10 de agosto de 2015.

HEGEL, G.W.F. **Princípios da filosofia do direito**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. São Paulo: Discurso Editorial, 2009.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2008.

MÉSZÁROS, Istvan. **Para além do capital**. São Paulo e Campinas: Boitempo e Editora da Unicamp, 2002.

RAWLS, John. **História da filosofia moral**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SANCHEZ VÁZQUES, Adolfo. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SALDANHA, Gustavo Silva. Tradições epistemológicas nos estudos de organização dos saberes: uma leitura histórico epistêmica a partir da filosofia da linguagem. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.6, n.2, set., 2010, p. 300-315. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/view/372>. Acesso em jun. 2013.

SALDANHA, Gustavo Silva. **Uma filosofia da Ciência da Informação**: organização dos saberes, linguagem e transgramáticas. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

SAMPAIO, Benedicto Arthur; FREDERICO, Celso. **Dialética e materialismo**. Marx entre Hegel e Feuerbach. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

SCHNEIDER, Marco. **A dialética do gosto**: informação, música e política. Rio de Janeiro: Faperj/Circuito, 2015.

SCHNEIDER, Marco. Ethics and epistemology: warning against the 'axiological neutrality' on contemporary communication research. **Matrizes** (Online), v. 7, p. 221-234, 2013a.

SCHNEIDER, Marco. Ética, política e epistemologia: interfaces da informação. In: Sarita Albagli. (Org.). **Fronteiras da Ciência da Informação**. Brasília: Ibict, 2013b, p. 57-77.

SCHNEIDER, Marco; VIEIRA, Maria Clara, 2014. Referências cruzadas: ética, política, epistemologia e informação. In: **Anais do XV Enancib**, 2014. Belo Horizonte. Além das nuvens: expandindo as fronteiras da ciência da informação. Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2014. p. 200-2.